

aconteceu no mundo evangélico

Dezembro/86
Nº 50 — Ano V

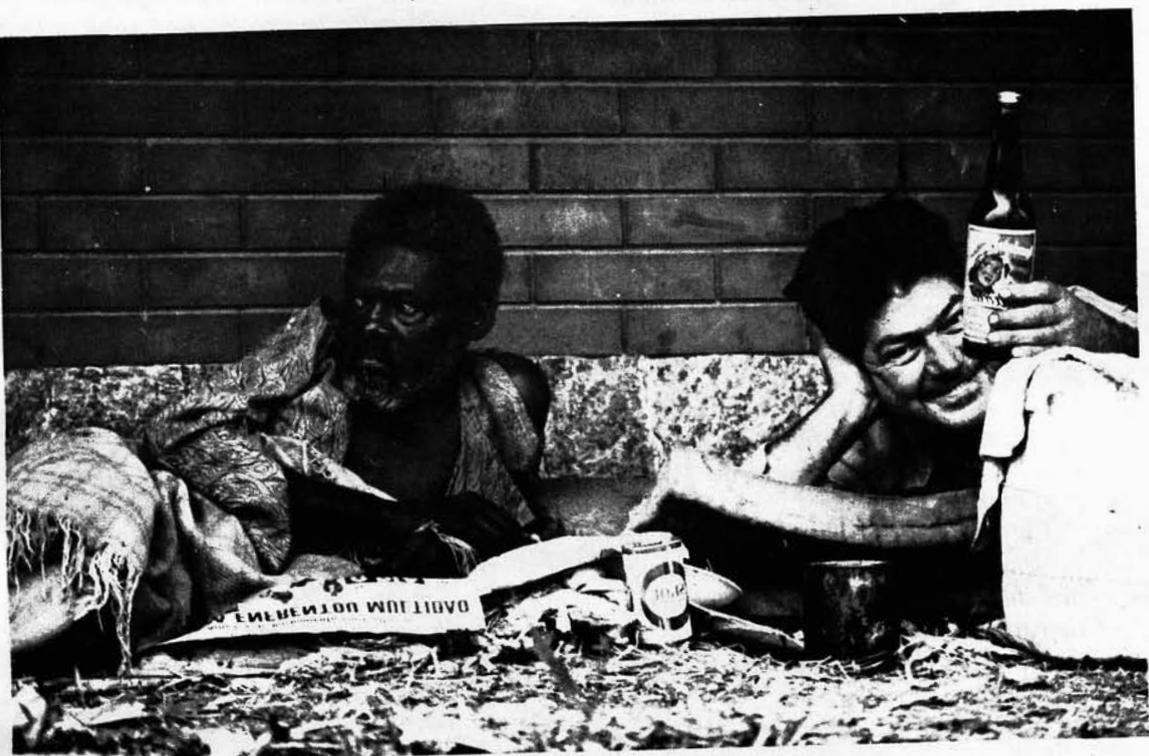
Biblioteca - Koinonia

(X) Cadastrado

(X) Processado

KARDEX		(X)
TRACEM	MC	(X)
XEROX	PP	()
PREPARAÇÃO	06	()

João Roberto Ripper/F4



AS ELEIÇÕES E O CRUZADO 2

Alguns analistas políticos viram na expressiva votação do PMDB, a 15 de novembro, como a expressão do crédito popular nas medidas econômicas implementadas pelo Plano Cruzado. A maciça votação no PMDB representaria, dessa forma, a esperança em que as reformas sociais acenadas com o Plano Cruzado tivesse continuidade. Contudo, poucos dias após as eleições, o povo brasileiro foi surpreendido com um novo pacote econômico - conhecido como Cruzado 2 - considerado prejudicial à maioria da população, apesar de o governo afirmar que as faixas salariais mais baixas foram resguardadas.

O que se pode concluir do Cruzado 2?

Inicialmente, que o governo da "Nova República" enganou o povo, por esperar o desfecho das eleições para anunciar o novo pacote econômico, com as medidas anti-sociais por ele incorporadas. O voto de confiança dado pelo povo ao governo, expresso na vitória eleitoral do PMDB, foi portanto, traído.

Em segundo lugar, a eleição do pacote evidencia que o país continua submetido aos interesses do capital estrangeiro, em detrimento da solução dos graves problemas brasileiros. De fato, o Cruzado

veio num momento crucial das negociações mantidas pelo governo com o sistema financeiro internacional, com respeito aos compromissos decorrentes da grande dívida externa do Brasil.

Um terceiro ponto é que o governo da Nova República repete práticas do regime militar, ao tomar medidas que afetam o conjunto da população, através do famigerado decreto-lei, sem uma consulta prévia ao Congresso Nacional, que apesar de suas limitações é o legítimo representante dos brasileiros.

Como se não bastasse esse conjunto de posturas impopulares, o governo da Nova República, ao reagir violentamente contra as manifestações contestatórias ao Cruzado 2, mostra a sua incapacidade em atender às inúmeras reivindicações do povo brasileiro, entre elas a de livre manifestação organizada.

Para os cristãos, as medidas do Cruzado 2 e a atitude repressiva adota pelo governo com relação aos seus críticos, não colaboram para a construção do Estado de Direito e de bem estar social desejado por todos. Fica claro, assim, que a luta pela realização destes sinais do Reino torna-se cada vez mais exigente, e clara por sua efetiva participação.

AJUDA ÀS VÍTIMAS DO TERREMOTO DESVIADA PELO EXÉRCITO

A denúncia é do SISAC — Serviço Informativo sobre América Central: o exército salvadorenho, “a mando do governo e da administração Reagan, está saqueado a ajuda internacional enviada para as organizações humanitárias que estão socorrendo as vítimas do terremoto” ocorrido a 10 de outubro em El Salvador. O arcebispo de San Salvador também havia denunciado, a 17 de outubro, que o governo norte-americano estava boicotando o envio de alimentos e remédios que seriam distribuídos às vítimas do terremoto pelas Igrejas cristãs locais. O SISAC, em sua denúncia, lembra que o mesmo ocorreu em 1972, quando um terremoto quase destruiu Manágua, capital da Nicarágua. Na ocasião, a ajuda material às vítimas do terremoto, por parte da comunidade internacional, também foi desviada pelo exército somozista, para a “recuperações de quartéis, prisões, prédios do governo e as mansões dos milionários, e o dinheiro foi parar na conta bancária dos Somoza, em Miami”. Temendo, então, que o mesmo ocorra agora, o SISAC apela para que a opinião pública brasileira e mundial exija do presidente salvadorenho, José Napoleón Duarte, que distribua as doações mundiais para a população pobre, a mais atingida pelo terremoto. E informa que as ajudas em dinheiro podem ser depositadas na conta 28133-3, do Banco Itaú, agência Brigadeiro, em São Paulo.

IGREJA DE MOON NÃO REVELA SEUS CANDIDATOS

A Igreja da Unificação, fundada pelo sul-coreano Sun Myung Moon, ajudou a eleger, através de seu “braço político” a Associação Causa Brasil, 27 deputados federais ao Congresso Constituinte que se instala no dia 1º de fevereiro. Segundo Miguel Rocha, 38, coordenador da Causa, as eleições foram “ideologicamente úteis para o nosso trabalho” e prefere ocultar os nomes dos eleitos reconhecendo que “temos má fama” e “acabaria por prejudicar o trabalho deles na Constituinte”. (FSP)

MORTES DE FREI BURNIER E SANTO DIAS SÃO LEMBRADAS

Diversas atividades marcaram, em outubro, a lembrança das mortes de frei João Bosco Penido Burnier e do operário Santo Dias da Silva. Frei Burnier foi morto a 12 de outubro de 1976, em decorrência das agressões que sofreu de um policial, na delegacia de Ribeirão Bonito (MT), quando, em companhia de d. Pedro Casaldáliga, protestava contra os maus-tratos a posseiros e indígenas. Uma grande celebração, a 12 de outubro passado, foi realizada em Ribeirão Bonito, com a participação de delegações de todo país. A 30 de outubro, a comunidade de Santa Margarida, no bairro paulistano de Santo Amaro, rememorou a morte do operário Santo Dias da Silva, há sete anos. Santo foi morto igualmente por um policial, quando participava de um piquete na porta da indústria Sylvânia. (AGEN)

BRASIL, CAMPEÃO MUNDIAL DE ACIDENTES DE TRABALHO

O Brasil não ganhou a Copa do Mundo do México, mas continua sendo o campeão mundial em acidentes de trabalho. Apenas em 1985, segundo dados do Instituto Nacional de Previdência Social (INPS), 1 milhão e 75 mil trabalhadores sofram acidentes no País. Para tentar diminuir essa cifra, a Fundação Jorge Duprat Figueiredo de Segurança e Medicina do Trabalho (Fundacentro), do Ministério do Trabalho, está promovendo cursos de atualização e aperfeiçoamento de técnicos em segurança do trabalho. Um dos fatores que têm colaborado para colocar o Brasil no topo da lista de acidentes de trabalho é o descumprimento, por algumas empresas, da Portaria 3214, de 1978, segundo a qual, em casos de maior complexidade, elas são obrigadas a contratar engenheiros, médicos e enfermeiros especializados em segurança do trabalho. (Zero Hora)

COMUNISMO É COISA DO DIABO

O pastor Nasser Bandeira da Igreja do Evangelho Quadrangular, em Porto Alegre, ex-candidato pelo PMDB à Constituinte, em seus cultos em praças públicas levava sempre duas malas. Numa delas, a “mala de Deus”, estava um exemplar da Bíblia. Na outra, a “mala do Diabo”, estavam coisas como bonecos esfaqueados representando o aborto, seringas, cachaça, cigarros e cartazes do PCB e do PCdoB. O pastor-candidato dizia que o povo deveria votar conscientemente e repudiava o voto aos comunistas dizendo que eles fecham igrejas e prendem os evangélicos. Durante os cultos-comícios o pastor exorcizava vários demônios, fazia algumas curas e depois distribuía os seus “santinhos” de campanha. Ele não foi eleito em 15 de novembro.

EX-SOLDADO FALA SOBRE A TORTURA

Depois do tenente - médico Amílcar Lobo Moreira Silva - que confessou ter atendido o ex-deputado Rubens Paiva, agonizante, pouco antes de seu desaparecimento, em janeiro de 1971 - outro policial envolvido com a tortura a presos políticos durante o regime militar resolveu contar o que sabe. Segundo o ex-soldado Marco Aurélio Magalhães, hoje indústriário, que iniciou seu serviço militar no 1º Batalhão da Polícia do Exército, no quartel da rua Barão de Mesquita, na Tijuca, em maio de 1971, sua função era a de conduzir prisioneiros a sessões de tortura, às quais também presenciava. Ele afirma ter ouvido muitas vezes a advertência feita por militares, toda vez que o preso dava mostras que não aguentaria os maus-tratos: “Cuidado, bate devagar, olha o caso do deputado”. Magalhães hoje tem certeza de que o deputado em questão era Rubens Paiva. Em seu depoimento, o ex-soldado dá o nome de vários presos torturados e relaciona os torturadores.



LÍDERES RELIGIOSOS ORAM NA ITÁLIA PELA PAZ

Protestantes, muçumanos, budistas, xintoístas, hindus, sikhs, católicos, bahais, judeus, zoroastrianos, animistas africanos e indígenas americanos. Representantes das maiores religiões do mundo reuniram-se a 27 de outubro, em Assis, Itália, para orar e meditar pela paz. O secretário geral do Conselho Mundial de Igrejas, Emílio Castro, o Dalai Lama e a madre Teresa de Calcutá, entre outros, participaram da manifestação convocada pelo papa João Paulo II. O Vaticano escolheu a cidade de Assis por ser o berço de São Francisco, considerado patrono da paz pela Igreja Católica. Vários chefes de governo e de Estado enviaram declarações pela paz aos promotores do encontro. A agência Tass, da União Soviética, afirmou que "aprofunda preocupação de todos os povos com a corrida armamentista e a crescente ameaça de um apocalipse nuclear é compartilhada também por lideranças religiosas".

VIOLÊNCIA CONTRA OS SEM-TERRA I

Ficaram feridas 50 pessoas vítimas da violenta repressão da Brigada Militar quando 678 famílias de sem-terra acampadas na Fazenda Annoni se preparavam para a caminhada rumo às dez fazendas já declaradas pelo governo Sarney como áreas de interesse social para fins de reforma agrária, no Rio Grande do Sul. Na semana anterior ao conflito, em audiência com o governador Jair Soares (PFL), porta-vozes dos sem-terra anunciaram a intenção da caminhada, tendo recebido a promessa de que a Brigada Militar garantiria a segurança da caminhada mas acompanharia todo o seu percurso, impedindo porém, qualquer invasão. Na última hora, o governador mudou de idéia, determinando o cerco policial e impedindo a caminhada. Vários soldados tentaram impedir o trabalho de fotógrafos e cinegrafistas que registravam os atos de violência. (JT)

VIOLÊNCIA CONTRA OS SEM TERRA II

A Coordenação Nacional do Movimento dos Trabalhadores Rurais Sem Terra encaminhou um telegrama ao Ministro da Justiça, Paulo Brossard, responsabilizando-o de "pressionar e incitar o governo do Rio Grande do Sul a ordenar à Polícia Militar a agredir covardemente os sem-terra acampados na Fazenda Annoni". A agressão militar deixou 50 lavradores — homens, mulheres, crianças — feridos, dos quais três estão hospitalizados. O telegrama ainda pergunta ao ministro "que tanto preza a lei, por que não bota na cadeia latifundiários/fazendeiros que este ano já mataram 200 trabalhadores rurais em todo o país?"

BISPOS DEBATEM NOVOS MOVIMENTOS RELIGIOSOS

Realizou-se em Cuenca, Equador, de 4 a 10 de novembro, a primeira Consulta de Bispos da América Latina e Caribe, sobre os Novos Movimentos Religiosos Contemporâneos (MRC). Promovida pelo Conselho Latino Americano de Igrejas (CLAI), Conferência Episcopal Equatoriana e Conferência de Igrejas do Caribe (CCC), a Consulta teve a participação de bispos, pastores, sacerdotes, teólogos e cientistas sociais católicos e protestantes, de todas as partes do continente. O fenômeno dos Movimentos Religiosos Contemporâneos foi analisado em suas dimensões teológicas, sociológicas, antropológicas e políticas. Na declaração final do encontro, os participantes acentuaram que o primeiro desafio das Igrejas cristãs históricas é com a realidade de pobreza e opressão vivida pelos povos latino-americanos. Quanto aos MRC, o documento acentua que eles fazem uma leitura muitas vezes fundamentalista da Bíblia, não centralizam sua ação na figura de Jesus Cristo e utilizam um discurso religioso para encobrir interesses políticos e econômicos. A Consulta foi um acontecimento inédito na discussão entre as Igrejas cristãs sobre os novos movimentos religiosos, que têm aumentado sua atuação no continente latino-americano.

UM TESTEMUNHO SOBRE A FAZENDA ANNONI

O pastor luterano Milton Schwantes representou o CEDI no Culto Ecumênico realizado na Fazenda Annoni, RS, em 19 de outubro, com os acampados em luta pela terra. Segundo ele, "o acampamento é impressionante. Impressiona o grande número de famílias, a boa organização... Poucos são os barracos vazios ou abandonados. Isto mostra que a desistência não é grande. Quem veio acampar, veio para ficar e aguentar até o fim. Esta é uma diferença em relação à Encruzilhada. Na Encruzilhada a flutuação era maior. Eram em parte indivíduos acampados. Na Fazenda está acampada uma organização, firme e decidida... Há impaciência. Sem dúvida, o povo da roça não aguenta ver passar estes bellos dias de primavera sem poder revirar a terra e plantar. Há certa ânsia de pressa. Impaciência de quem quer plantar. Por isso, estes meses são momentos críticos do acampamento. Se a terra não aparecer agora, teremos que fazer muita força para que o povo agente. Ele aguentará. Há muita solidez, nos barracos e nas pessoas. De lá só sairão para a terra".

PLANO DE REFORMA AGRÁRIA NÃO VAI CONTER A MIGRAÇÃO

O Plano Nacional de Reforma Agrária (PNRA), elaborado pelo governo, pretende assentar apenas 1,4 milhões de famílias, a cada quatro anos. Segundo dados sistematizados pelo Instituto Brasileiro de Análises Sociais e Estatísticas (IBASE), tal meta está aquém das necessidades reais, considerando que, na década passada, migraram em torno de 1,8 milhões de pessoas por ano. Mantendo-se as atuais condições de expulsão do campo, os assentamentos previstos pelo Plano não conseguirão conter os fluxos migratórios.



JUVENTUDE E FRONTEIRA DA MISSÃO

O Programa de Assessoria a Pastoral Protestante desenvolveu desde 1985 um projeto de formação intitulado "Juventude e Fronteira da Missão". Este reuniu uma liderança jovem das Igrejas Metodista, Presbiteriana Unida, Episcopal, entre os Estados do Rio de Janeiro, São Paulo e Minas Gerais. Os temas estudados foram "Protestantismo e Ecumenismo", "Igreja e Realidade", "Bíblia e Juventude", "Aprofundamento da leitura bíblica em Gálatas", "Movimento e projeto de Jesus" e "Igreja e Pedagogia da Mudança".

No mês de outubro, foi realizado o último módulo deste projeto de formação, com uma avaliação positiva do grupo, ficando aberta a possibilidade de novos encontros a partir da solicitação de assessoria ao Programa.

PASTORES BATISTAS DEBATEM A CONSTITUINTE

Patrocinado pela Ordem dos Pastores Batistas do Rio, realizou-se no Méier, RJ, no dia 4 de outubro, um seminário sobre a participação dos evangélicos na elaboração da nova Constituição. Temas como fortalecimento dos movimentos populares, construção da democracia, acompanhamento da atuação dos evangélicos no Congresso, a questão da liberdade e a responsabilidade dos evangélicos na atual conjuntura brasileira foram amplamente debatidos por cerca de 80 pastores batistas. A coordenação do trabalho foi do pastor José Torres e entre os debatedores estavam o pastor Davi Malta, Jeremias Fontes, e, representando o CEDI, Jether Ramalho e César Caldeira. É um fato positivo a realização dessas discussões políticas em muitas igrejas evangélicas, inclusive naquelas em que os temas políticos — não somente os eleitorais — não mereciam atenção e eram até repudiados.

JEJUM PELAS ELEIÇÕES

As igrejas evangélicas estão sendo convocadas para ficarem em jejum e oração no próximo dia 15 de novembro. A iniciativa desse evento é do pastor Enéas Tognini, da Igreja Batista Renovada, que diz contar com o apoio "de todos os evangélicos brasileiros". O jejum deverá ser iniciado no dia 14 de novembro, às 18 horas, e encerrado dia 15, também às 18 horas. Há uma sugestão de programa a ser seguido nesse **dia nacional de jejum e oração**, sendo que o jejum deverá ser "completo, sem comer e sem beber nada". (Mensageiro da Paz)

METODISTAS CONTRA O APARTHEID

Os três mil participantes da 15ª Conferência Metodista Mundial, reunida de 23 a 29 de julho, em Nairobi, Quênia, condenaram com veemência o regime racista da África do Sul, bem como repudiaram as intervenções externas na América Central, particularmente na Nicarágua. O arcebispo anglicano Desmond Tutu, um dos líderes da oposição ao **apartheid**, participou da Conferência. A situação da mulher na Igreja foi discutida pela Federação Mundial de Mulheres Metodistas, igualmente reunidas em Nairobi, de 14 a 20 de julho. (AGEN)

TERROR NAS PRISÕES BRASILEIRAS

Falanges internas, superpopulação, velhas instalações e "cirandas das morte". Estes são os principais fatores que tornaram as prisões brasileiras verdadeiros "barris de pólvora", conforme reportagem de **O Estado de São Paulo** (21/09/86). A reportagem foi feita por ocasião do massacre de 14 detentos no presídio de Presidente Venceslau, em São Paulo, por agentes policiais. O massacre foi condenado com veemência por entidades humanitárias, como a Comissão Justiça e Paz e Centro "Santo Dias" de Direitos Humanos da arquidiocese de São Paulo, que pediram a investigação e punição inadiável dos responsáveis.

ENTIDADES PEDEM CONVENÇÃO CONTRA TORTURA

A ratificação, pelo Congresso Nacional, da Convenção da ONU contra a Tortura. Foi esta uma das deliberações do 1 Encontro Nacional dos Grupos Tortura Nunca Mais e Entidades de Defesa dos Direitos Humanos, realizado dias 24 e 25 de outubro, no Rio de Janeiro. O Movimento Tortura Nunca Mais, criado em meados de 1985, tem obtido uma boa repercussão, particularmente entre a classe artística brasileira. Foi por sua iniciativa que a cidade do Rio de Janeiro deu o nome de 54 ruas a desaparecidos políticos durante o regime militar. Agora, o Movimento prepara a construção de um monumento às vítimas da tortura, a partir de um projeto de Oscar Niemayer. Como o Congresso Nacional entra em recesso a partir de 5 de dezembro, ele apenas deve ratificar a Convenção da ONU no próximo ano, o que tem preocupado os militantes das entidades de defesa dos direitos humanos. Dezenas de países já assinaram a Convenção da ONU, mas poucos — menos de dez — a ratificaram. A ratificação implica em que a configuração da tortura seja considerada um crime contra a humanidade, passível de ser julgado pelos tribunais internacionais.

UDR DIZ QUE "JÁ ELEGEU" CINQUENTA CONSTITUINTE

O vice-presidente nacional da União Democrática Ruralista (UDR), pecuarista Salvador Farina, disse que a entidade "tem como certa" a eleição de cinquenta senadores e deputados federais afinados com os interesses dos empresários rurais. Esses parlamentares irão defender "a propriedade privada e a agricultura brasileira" na redação da nova Constituição. Só em São Paulo, a UDR espera eleger oito dos 12 candidatos que apoia — inscritos no PMDB, PDS, PTB e PFL. (JB — 22/9/86 e FSP 03/10/86)



JUSTIÇA ATRAVANCA REFORMA AGRÁRIA

De agosto a meados de setembro, os jornais noticiaram oito suspensões de processos de desapropriação envolvendo dezenas de fazendas. Por conta de empecilhos como este, o governo do presidente José Sarney obteve e a emissão de posse de apenas 332 mil 850 hectares dos 1 milhão 34 mil hectares já desapropriados. Para o advogado Miguel Pressburger, especialista em questões de terra, é o decreto de outubro do ano passado (modificando pela décima-segunda vez o PNRA), que introduziu uma distinção entre latifúndio produtivo e improdutivo, dando motivo para intervenções da Justiça. Antes de sofrer alterações, o Estatuto da Terra, elaborado durante o governo Castelo Branco, dispunha como passível de desapropriação qualquer latifúndio, com exceções para empresas rurais, e terras menores que três módulos. Pressburger observa também, que é desnecessária qualquer lei especial para se acelerar os casos de desapropriação: "Basta que se revogue esse dispositivo e haja um retorno à antiga sistemática do Estatuto da Terra, onde não há a distinção absurda entre latifúndio produtivo e improdutivo". (JB)

QUE REFORMA AGRÁRIA?

Se o próprio plano de reforma agrária do governo Sarney já deixa muito a desejar, pior é a sua execução desse plano. Estava previsto para o primeiro ano o assentamento de 150 mil famílias. Sabe-se agora, (e o Inbra, órgão governamental encarregado da execução do plano, reconhece isso) que no máximo será cumprido 10% do previsto, ou seja, serão assentadas apenas 15 mil famílias. E mais, os recursos liberados pelo governo representam exatamente a décima parte do necessário para que se cumpram as metas do plano em seu primeiro ano (1986/87). Fica então uma pergunta: será que o governo Sarney quer de fato que se realize uma reforma agrária? E que tipo de reforma agrária?

IGREJA ANGLICANA APROVA APROXIMAÇÃO COM A CATÓLICA

O Sínodo Geral da Igreja Anglicana, reunido em novembro, tomou mais um passo em direção à reconciliação com a Igreja Católica Romana ao aprovar, por 344 votos a 137, uma moção que prevê a reabertura do diálogo com vistas ao reconhecimento da autoridade e primazia do papa. O documento afirma que o diálogo entre as duas igrejas, separadas em 1534, atingiu "suficiente convergência quanto à natureza da autoridade e primazia". O arcebispo de Cantuária, dr. Robert Runcie, defendeu a moção e disse que os anglicanos já não podem ignorar a realidade da existência do papa. "Roma tem um certo papel histórico que simplesmente não pode ser ignorado, embora desejamos examiná-lo do ponto de vista teológico", disse Runcie. Lembrando a reunião de líderes das principais religiões do mundo em Assis, em 27 de outubro, Runcie acrescentou: "As outras grandes comunidades da fé encaram o papa como o principal porta-voz da cristandade, quer queiramos ou não". Segundo ele, surgiu em Assis a possibilidade de um novo estilo de liderança papal. Runcie disse também que "há várias coisas erradas com a Igreja Católica Romana referiu-se sobretudo, ao rígido tratamento dispensado aos liberais da Igreja. No entanto, esclareceu que acredita que o diálogo, iniciado há vinte anos, caminha firmemente em direção à reconciliação. (FSP)

MISSÃO DA IGREJA

De 19 de outubro a 09 de novembro, um grupo de pastores, pastoras, leigos e leigas de origem reformada de seis países — Brasil, Costa Rica, Estados Unidos, Guatemala, México e Uruguai — participaram de um programa de estudos e visitas no Brasil, Uruguai e Argentina. O Programa incluiu celebrações, estudos em pequenos grupos e visitas a diferentes Igrejas e entidades. Esse Programa contou com o apoio da Igreja Presbiteriana Independente do Brasil, Igreja Presbiteriana Unida do Brasil, Igreja Valdense do Rio da Prata e Igreja Presbiteriana da Argentina.

CULTURA NEGRA NOS CURRÍCULOS ESCOLARES

A inclusão da verdadeira história da cultura negra nos currículos escolares. Este é o objetivo de um projeto que está sendo desenvolvido pelo Ministério da Cultura, que pretende a inclusão do estudo da cultura afro-brasileira nos currículos do ensino público a partir de 1988. O projeto está sendo assessorado pelo historiador Clóvis Moura, também ele negro, e um dos maiores conhecedores da cultura afro-brasileira. Em 1988, serão comemorados, pelo governo, os cem anos da chamada "abolição da escravatura", pela princesa Isabel, a 13 de maio de 1888. Ocorre que os movimentos negros entendem que ainda não ocorreu uma verdadeira abolição, pois a população negra continua sendo marginalizada da sociedade. E uma das formas de acabar com essa discriminação é o verdadeiro conhecimento da participação negra na história brasileira. Os movimentos negros, por exemplo, defendem que o grande nome da cultura negra é o Zumbi, líder do Quilombo dos Palmares, tendo a data de sua morte — 20 de novembro — transformada em Dia Nacional da Consciência Negra, não reconhecendo, portanto, o 13 de maio como o dia da "abolição". A questão do negro também será tema da Campanha da Fraternidade da Igreja católica em 1988. (AGEN 29)

DISSERTAÇÃO DE MESTRADO DE RUBEM ALVES

Encontra-se à disposição para consulta no Setor de Documentação do CEDI a dissertação de mestrado de Rubem Alves. Ela foi publicada em abril de 1964, em inglês, sob o título "A Theological interpretation of the meaning of the revolution in Brasil" ("Uma interpretação teológica do sentido de revolução no Brasil"). Maiores informações podem ser obtidas pelo telefone (021) 205.51.47 ou por carta para a Rua Cosme velho, 98 fds, 22241, Rio, R.J.



• Convocada pela Secretaria Regional para o Brasil realizou-se em Curitiba, PR, nos dias 3 a 5 de outubro o Encontro das Lideranças Femininas Evangélicas, que reuniu os principais dirigentes nacionais e algumas lideranças regionais dos movimentos femininos oficiais das Igrejas pertencentes ao CLAI. Ana Beatriz Ferrari, procurou examinar teologicamente o sentido da unidade da vida e trabalho das Igrejas, dando destaque, evidentemente, ao papel da mulher e seu ministério. Os grupos de estudo e os plenários concluíram da necessidade de buscar aproximação e integração dos movimentos femininos denominacionais, como uma forma de buscar a afirmação e a experiência da unidade que Cristo requer para a Igreja. Em sua nota de informações o Encontro recomendou entre outras coisas que "as organizações femininas das Igrejas presentes neste Encontro (Evangélica de Confissão Luterana no Brasil, Episcopal do Brasil, Presbiteriana Unida, Metodista e Evangélica Congregacional do Brasil) desenvolvam uma política de aproximação aos grupos semelhantes das demais igrejas, a nível local ou paroquial, em todos os outros níveis onde haja coincidência estrutural e a nível nacional, convidando as suas representantes para encontros, congressos, assembléias, acampamentos e outros trabalhos, visando a maior integração entre as mulheres evangélicas?"

O grupo recomendou também a realização de um outro Encontro (proposto para junho de 1987, em local mais central do Brasil) desta vez incluindo líderes dos níveis regionais e em maior escala e solicitou — nomeando para isso um grupo de trabalho — a publicação de uma cartilha sobre os direitos da mulher na sociedade brasileira e sobre outros assuntos de interesse feminino, especialmente as questões de saúde.

Do Encontro participaram também observadoras da Igreja Evangélica Luterana do Brasil e do movimento do Dia Mundial de Oração, contribuindo para uma experiência de comunhão cristã ainda mais ampla.

• Cremos que optar pela criança marginalizada (que fez da rua sua morada, não por opção, mas porque nossa sociedade ali a jogou) signifi-

ca... optar pelo fraco onde se valoriza o forte; pelo pequeno, onde se valoriza o grande; pelo despossuído, onde se valoriza o que tem. É estar ao lado dos excluídos, dos que não contam, dos que não produzem, dos que não dão lucro. É escolher e celebrar a vida, em uma sociedade de morte. É defender a vida, onde ela se encontra desprezada e ameaçada."

Esta declaração faz parte de uma "Manifestação às Igrejas" sob o título *Nossa opção pela criança marginalizada* que resultou do Encontro de Seguimento à Consulta sobre Alternativas de Atendimento a Meninos e Meninas de Rua, realizada em São Paulo, de 7 a 9 de outubro, promovida pela Secretaria Regional do CLAI para o Brasil. Participantes membros das Igrejas Metodista, Evangélica de Confissão Luterana no Brasil, Católica, Batista, Presbiteriana Independente, Presbiteriana Unida e Episcopal, procuraram fazer uma avaliação do desenvolvimento dos projetos de atendimento a meninos e meninas de rua desenvolvidos em suas denominações atingidos direta ou indiretamente pela Consulta realizada em 1985, a fim de avaliar o impacto desta e de verificar que novos rumos devem ser seguidos para o atendimento de crianças nesta condição.

(Obs.: O texto completo da Manifestação às Igrejas foi enviado aos jornais oficiais das igrejas para sua eventual publicação e existe também à disposição dos que a ele não tiveram acesso na Secretaria Regional do CLAI).

• Dia 18 de novembro comemorou-se novamente em toda a América Latina o 4º aniversário da Constituição do Conselho Latino Americano de Igrejas, aprovada em Huampani, Peru, nesta mesma data no ano de 1982. O acúmulo de correspondências em mãos dos correios durante os meses de outubro/novembro, ocasionada pela enxurrada de propagandas eleitorais que antecedeu o dia 15, prejudicou o funcionamento normal da ECT fazendo com que muitas das cartas enviadas a 1.300 pastores em todo o Brasil chegasse *depois* da data de comemoração. Ainda assim algumas Igrejas lembraram o evento no domingo seguinte, agradecendo a Deus pela existência do CLAI e intercedendo pelo seu ministério.

última página

Mensagem final da 2ª Assembléia Geral do CONIC, realizada em Porto Alegre, dias 17 e 18 de novembro de 1986:

“Reunidos em Porto Alegre, como o Conselho Nacional de Igrejas Cristãs, em assembléia geral, nos dias 17 e 18 de novembro, reafirmamos perante o povo o nosso compromisso de busca de unidade. Ao avaliarmos a nossa caminhada durante os últimos quatro anos, constatamos alguns importantes passos dados. Destacamos, com alegria, a adesão de mais uma Igreja - a Igreja Presbiteriana Unida - ao nosso Conselho.

Mas nossa responsabilidade comum nos coloca também frente ao momento histórico de aprendizagem democrática. A celebração do Natal que se aproxima é um incentivo para as nossas Igrejas assumirem a realidade humana em toda a sua profundidade. A encarnação de Cristo foi anúncio de paz para os homens nessa terra. Essa paz se constrói também na ordem política, social e econômica, à qual os cristãos não podem ficar indiferentes.

Olhando para a situação nacional, constatamos uma mudança positiva, embora ainda longe de responder às aspirações e necessidades do povo brasileiro. A reforma agrária, que caminha tão lentamente, e o modo como foi eleita a Assembléia Nacional Constituinte - atrelada ao Congresso - lançam fortes

interrogações sobre o futuro da Nação. O País precisa resolver situações de profunda injustiça estrutural e corrupção, que contradizem a fraternidade cristã, comprometendo a própria vida humana. É por isso que almejamos a esperança de uma participação popular contínua durante os próximos meses, na elaboração da nova Constituição. É necessário que os constituintes mantenham comunicação direta com o povo. Pedimos aos membros de nossas comunidades que tomem consciência de que os constituintes são representantes do povo, e não donos de um mandato em branco. Por isso, deve ser exigida deles uma atitude de escuta aos anseios populares.

As próprias Igrejas e comunidades devem organizar grupos de reflexão e acompanhamento da Constituinte. Através deles, procuremos contribuir para a construção de uma sociedade justa e fraterna, onde a paz, alicerçada no amor cristão e na justiça, seja presença atuante do Senhor da Paz. Assim responderemos à nossa vocação comum para a unidade, na certeza da atuação do Cristo e do seu Espírito em nossas Igrejas e através delas”.

Porto Alegre, 19 de novembro de 1986.

NÃO HÁ AMOR MAIOR

adaptação de Carlos Cunha

João Pernambuco

SOL DO RE SOL

Não há, gente, ó não amor maior que um Deus irmão.

RE 2 SOL SOL

or que um Deus irmão. Natal é festa de alegria incomparável

DO RE

quando Deus se faz palpável em Jesus, o nosso irmão.

SOL DO

Por isso todos irmanados na magia desta linda melodia.

RE SOL

repetamos o refrão!

Não há, ó gente, ó não
Amor maior que um Deus irmão.

Natal é festa de alegria incomparável
Quando Deus se faz palpável
em Jesus o nosso irmão.
Por isso todos irmanados na magia
desta linda melodia, repetamos o refrão!

Há muitos tristes, solitários companheiros
que não vivem mais fagueiros
porque ignoram este refrão
Que Deus em Cristo nos liberta da tristeza
Nós, portanto com firmeza, repetimos a canção.

Se estamos juntos nesta festa de alegria
Não esqueçamos todavia do sofrido nosso irmão
Faminto, nú, cansado, pobre perseguido,
que não pode ver sentido quando ouve esta canção.

Para mostrarmos nosso amor, nossa amizade,
proclamemos de verdade o sentido da canção:
Temos um Pai que a todos ama ternamente
e ao nosso irmão carente, estendamos nossa mão.

NÃO HÁ AMOR MAIOR

da letra

Na caminhada em busca da unidade as comunidades cristãs divergem em muitos pontos doutrinários. Há porém um no qual todas estão de acordo: **O Incomensurável Amor de Deus.**

Existirá algum princípio teológico mais importante, mais absoluto? Existirá maior fundamento da fé cristã? O apóstolo Paulo orientando os cristãos da cidade de Corinto, fala das três magnas virtudes: a **Fé, Esperança e o Amor**, porém, para a eternidade irá o **Amor**

O autor da adaptação capta esse princípio teológico norteador e o coloca de maneira magistral numa das peças Antológicas da música popular brasileira, música sertaneja, que hoje mais parece um hino brasileiro, o imortal **luar do sertão**, toada de Catulo da Paixão Cearense e João Pernambuco.

A relação do amor de Deus, cantando numa toada brasileira resgatando os valores natalinos, marcam nesse hino, o profundo significado de uma fé cristã que deseja ser renovada no encontro com Deus, com a cultura e com o próximo.

O amor está presente entre nós. Não há amor maior; Deus se faz irmão e vem habitar conosco. O nascimento de Deus entre nós é lembrado como o irmão, o amigo que vem para repartir com a humanidade o seu dom maior: o Amor.

A canção resgata também para a época natalina o sentido de fraternidade que o amor de Deus provoca em nossos corações, motivando-nos a uma total doação e busca dos que encontram-se doridos e distantes. Há um novo deus-ídolo que habita a nossa sociedade dessa época e chama-se excesso de tudo, de comida, de dinheiro, de bebida. A canção lança o desafio para não relacionarmos o Deus bíblico, cristão, com esses excessos. O Deus da Bíblia, está relacionado com o **Amor maior** de quem vem para nascer numa cocheira, no meio de animais e pastores pobres. Temos um Deus irmão e não há amor maior.

Luis Longuini

Referências bíblicas

Ex. 3,7-10; Jo 3,16; Rm 5,8; Lc 2,1-20; Lc 2,11; Jo 1,1-5; Cl 1,15-20; Mt 2,2-12; Mt 18,10-14; Ef 2,1-3; Cl 1,13-14; Fp 4,4; Ne 8,10b; Sl 96,1-2; Ef 5,19; Mt 5,29-32; Lc 10,25-37; Mt 25,35-46; Lc 14,15-24; Mt 16,15; Rm 8,12-17; Gl 2,10; Gl 6,9-10

da música

Esta canção tem uma longa história. Tudo começou quando o compositor João Pernambuco (João Teixeira Guimarães) compôs, em 1911, o coco "Engenho de Humaitá", com elementos do folclore nordestino. Dois anos mais tarde, a música recebeu letra de Catulo da Paixão Cearense e transformou-se na famosa "Luar do Sertão". Com o passar do tempo, o nome de João Pernambuco passou a não constar nos créditos, ficando Catulo como o único autor da canção. Isso também ocorreu com outras canções que receberam letras de Catulo, como a conhecida "Ontem ao Luar", cuja música era de autoria de Pedro de Alcântara.

"Luar do Sertão" é uma "canção sertaneja", denominação dada às estilizações de ritmos rurais, tais como modas, toadas, cateretês, chula e emboladas. As letras invariavelmente invocavam a "beleza bucólica e romântica da paisagem, da vida e da gente do interior" (Enciclopédia da Música Brasileira).

Flávio Irala

depoimento

Os versos desta canção nasceram de três motivações:

A recuperação musical de uma melodia folclórica que se vai esquecendo na enxurrada de detritos alienígenas culturais. Os brasileiros quase não têm oportunidades de reafirmar sua própria cultura musical.

O Natal se tem prestado para as "confraternizações" de palmadinhas nas costas, abraços e beijos mais em decorrência do comer e beber do que de uma experiência cristã de fraternidade. Passado o Natal, as contrações e discriminações continuam, às vezes, mais fortes.

A fraternidade universal anda muito desconceituada e, quando é afirmada, se dá em cima do discurso e não da prática. Como o discurso é bem água-com-açúcar e a prática também, é preciso rever a teologia da irmandade.

Essas razões, mais especialmente a última, é que me levaram a reunir numa canção o elemento fundante da fraternidade: a encarnação do Deus-Homem que produz a fraternidade possível: o Deus-Homem Cristo se faz irmão; a nossa adesão a ele nos faz irmãos.

Na "primeira estrofe", está essa doutrina fundamental do Deus-Irmão.

Na "segunda estrofe", a proclamação do fato e a alegria decorrente dele que precisa ser anunciada aos outros.

Na "terceira", as contradições de um mundo no qual as disparidades gritantes negadoras da fraternidade são denunciadas.

Na "última", uma espécie de apelo: "... ao nosso irmão carente estendamos nossa mão".

Pelo menos, se nada mais ficar, recupera-se a belíssima melodia de Catulo e João Pernambuco, tão profundamente brasileira.

Carlos Cunha

aconteceu
no mundo
evangélico

música
dez/86

Natal

APRESENTAÇÃO

Registramos aqui, mais três músicas — desta vez sobre o tema do Natal — que acreditamos, apontam algumas das características daquilo que chamamos em nosso primeiro encarte, de *nova canção*. Com essas três músicas, desejamos destacar algumas das diferenças emergentes do processo de criação dessa nova música nas igrejas. Estamos diante de três casos: a *contextualização de hinos tradicionais* — efetua-se uma revisão no conteúdo teológico da letra, mantendo-se a música; b. *música popular com nova letra* — trabalha-se a partir de um suporte musical já existente (do repertório popular) adaptando-se uma nova letra; c. *música e letra originais* — o projeto de composição prevê uma nova criação, tanto na música como na letra.

Diversas pessoas têm manifestado opiniões diferentes sobre esses procedimentos; daí o propósito de incentivar a participação das comunidades nessa questão, pois afinal, essa *nova canção*, na perspectiva de uma *música libertadora*, não deve ser a expressão do povo de Deus?

Compor *música e letra originais* tem sido a prática mais difundida e tida como perfeitamente normal. A questão está na *adaptação*. Os desfavoráveis argumentam que “essa prática desestimula a criatividade”... “subestima a capacidade da congregação de aprender novas músicas”... “não há respeito aos direitos autorais”... “é antiético, pois muitas vezes a outra parte nem é consultada”... “fica uma coisa postiça”... em hinos e corinhos tradicionais, é preciso observar a coerência em se colocar uma teologia libertadora se a própria música por questão culturais e históricas — está impregnada de valores burgueses e imperialistas. Não pode ser o caso de um “remendo novo em pano velho?” Por outro lado, há os que apontam aspectos a favor: “Lutero fez inúmeras adaptações de melodias populares com o intuito de fazer com que a música na igreja fosse também acessível à congregação”... “a adaptação não é novidade. Na história da música temos casos de dois textos — um sacro e outro profano — para uma mesma música”... “em muitas Igrejas os hinos tradicionais representam a maior parte do repertório da congregação. Por que não considerar esse material musical como suporte de um novo texto?”... “não vejo a questão dos direitos autorais e éticos como um grande empecilho à prática das adaptações. Qual a razão da afirmação autoral? Significa que o sujeito está assumindo a responsabilidade sobre aquilo que criou? Ou é o interesse na promoção pessoal, a necessidade de ostentar o patrimônio cultural (já que as obras são de sua propriedade), aceitando passivamente e perpetuando o esquema burguês de realização individual?”

Naturalmente, esses argumentos — prós e contras — devem ser analisados a partir de um determinado contexto, o que implica no exame de fatos concretos. Há adaptações e adaptações.

Como bem observou Jaci Maraschin em artigo na revista Simpósio 27 da ASTE, “temos tido no Brasil a tendência de pensar em forma polar. Ou uma coisa ou outra. Falta-nos um pouco de compreensão do pensamento dialético... As coisas não são necessariamente ‘ou... ou’ mas com mais riquezas ‘uma coisa e outra’...”

Continuamos, pois, na proposta inicial do projeto de música apresentada no primeiro encarte — de promover o debate e a reflexão crítica sobre essa nova vertente do cancionário religioso, além de oferecer um material de utilização imediata pelas comunidades.

Takao Shirahata

O ESPERADO

Jaci C. Maraschin

adaptação de uma melodia
por Christian Friedrich Witt

1. Vem, Je - sus, nos - sa es - pe - ran - ça, nos - sas vi - das li - ber - tar,

vem nas - cer, em nós, cri - an - ça, vem o teu po - der nos dar.

- | | |
|--|---|
| 1. Vem, Jesus, tão esperado,
nossas almas libertar
do temor e do pecado.
Vem a tua paz nos dar. | 1. Vem, Jesus, nossa esperança,
nossas vidas libertar,
vem nascer em nós, criança,
vem o teu poder nos dar. |
| 2. Derramaste a tua bênção
sobre as tribos de Israel.
Teu amor já sobrepassa
a esperança do fiel. | 2. Vem tecer um mundo novo
nos caminhos da verdade
para que, afinal, o povo
viva em plena liberdade. |
| 3. A nos redimir vieste
como Servo Sofredor
Poderoso nos trouxeste
o teu reino, ó Salvador. | 3. Vem, liberta os prisioneiros
da injustiça e da aflição.
Vem, reúne os brasileiros
em amor e em compreensão. |
| 4. Pelo Espírito Sagrado
vive em todo o coração!
Neste mundo atribulado
vem fazer habitação. | 4. Vem, Jesus, abre o futuro
do teu reino de alegria.
Vem, derruba o imenso muro
que separa a noite e o dia. |

O ESPERADO

da letra

Fala do anseio de libertação que muitos de nossos compatriotas alimentam e que se constitui num desafio para o testemunho cristão. Propõe que Cristo se faça presente e, com a mesma disponibilidade das crianças possamos acolher seu Evangelho.

Afirma-se a esperança de um mundo novo, marcado pela liberdade. Não aquela liberdade que os poderosos controlam e delimitam, desde que seus interesses não sejam contrariados, mas, a "liberdade dos filhos de Deus"; que implica em termos direito de participar nas decisões acerca do nosso destino como povo e nação.

A letra chama atenção para um aspecto comumente negligenciado: o Evangelho é universal, contudo ele impõe um testemunho localizado e contextualizado. O cenário de nossa missão é nossa terra.

Faz-se necessário afirmar os Sinais do Reino também em função das dores, dos pecados, e dos sofrimentos que atormentam o povo brasileiro. Os muros que nos separam como os preconceitos raciais, sociais, sexuais e outros, precisam ser demolidos para que o louvor do Senhor possa ser cantado com alegria.

José Bittencourt Filho

Referências bíblicas:

Lc 18.15-17; Is 61.155; 2 Co 3.17; Lc 7.22

da música

Segundo Brasil Smallman, no Oxford Dictionary of Music, *Chorale* (Coral) é o termo inglês que designa os hinos congregacionais da Igreja Protestantes na Alemanha. No final do séc. XVI, essa palavra que tradicionalmente se referia às melodias do repertório do *cantochão*, passa a ser aplicada mais amplamente.

A Reforma marcou um período de grande ímpeto na produção de hinos. Martinho Lutero, também poeta e músico, compreendia que a Reforma deveria acontecer também na música da Igreja. O povo precisava das Escrituras e dos hinos no vernáculo, em lugar do latim. Lutero encontrou no estilo coral, constituído de uma melodia simples e harmonizada para quatro ou cinco vozes, a possibilidade de se obter uma sonoridade plena, capaz de projetar o texto com clareza em todas as suas partes. Entre as diversas formas de se escrever um coral, o hino Protestante privilegiou aquela onde as vozes se movimentam no mesmo ritmo, proporcionando essa sonoridade desejada através da sucessão de acordes. As melodias eram recolhidas das mais diferentes fontes, seja do canto gregoriano ou das canções populares da época.

A música de *O Esperado* é uma harmonização para coral feita por Christian Friedrich Witt, de uma melodia de um compositor desconhecido. Foi publicada pela primeira vez no *Psalmodia Sacra, oder Andachtige und schone Gesange*, em 1715.

João Tako Shirahata

depoimento

É provável que o principal problema relacionado com a hinologia utilizada nas igrejas evangélicas brasileiras esteja mais relacionado com as palavras cantadas do que propriamente com as músicas que lhes servem de apoio. A gente vê, sem muito esforço, que os missionários queriam nos comunicar uma teologia desencarnada, voltada para o céu, sem levar em conta os problemas que enfrentamos aqui na terra como cristãos. O hino que aparece aqui, vem de antiga tradição pietista evangélica. Foi escrito para o Advento e acentua a esperança pela vinda de Cristo, não apenas como o bebê da manjedoura, mas como o Senhor de nossas vidas, nos dias de hoje. Tomei a liberdade de experimentar, com esta letra, uma vida de novas possibilidades para o aproveitamento de músicas consagradas universalmente, como esta, com letras mais contextualizadas, revestidas de uma teologia mais relacionada com a vida e com o mundo no qual vivemos do que era costume antigamente. Assim, em vez de clamar pela libertação de nossas almas, amplio esse conceito para o de "vidas". Em lugar de acentuar a paz interior, em geral, individualista e egocêntrica, faço uma prece para que Jesus venha libertar as nossas vidas, nascendo em nós como a criança de Belém que nos dá poder. Na segunda estrofe procuro me concentrar na necessidade vida de nossa gente de denunciar as mentiras que muitos políticos lançam sobre nós e da busca de uma sociedade regida pela bênção da liberdade. Na terceira estrofe faço menção das desuniões de nosso povo e da necessidade da criação de uma comunidade nova em que os brasileiros possam se reunir em "amor e em compreensão". A última estrofe fala da possibilidade da vinda do "reino de alegria" de Jesus, pois somente ele poderá derrubar "o imenso muro que separa a noite e o dia".

Jaci Maraschin

OUTRA CANÇÃO DE NATAL

Flávio Irala

Flávio Irala

A ca - da mo - men - to que pas - sa no
 pas - so do que há de vir, mais cla - ro a - in - da fi - ca o
 ru - mo que va - mos se - guir. U - ma es -
 tre - la vai se a - cen - der pra que a es - pe - ran - ça não
 mor - ra e fa - ça nas - cer de no - vo a cri - an - ça
 E, em an - ças O ca - ti - vei - ro fi - ca
 rá a - pe - nas na me - mó - ria dos
 po - vo de bo - a von - ta - de nu - ma no - va his - tó - ria
 pois um di - a u - ma es - tre - la ca - iu num cur -
 ral: É Na - tal! É Na - tal!
 É Na - tal! É Na - tal!

A cada momento que passa
 no passo do que há de vir,
 mais claro ainda fica o rumo
 que vamos seguir.

Uma estrela vai se acender
 pra que a esperança
 não morra e faça nascer
 de novo a criança.

E, em meio aos que eram famintos,
 muito pão vai sobejar.
 As vinhas cederão seus frutos
 pra nos alegrar,
 e a terra será lugar
 pra trabalho e festanças,
 e livres poderão crescer
 todas as crianças.

O cativo ficará apenas na memória
 dos povos de boa vontade
 numa nova história
 pois um dia uma estrela
 caiu num curral:

é Natal, é Natal!

OUTRA CANÇÃO DE NATAL

da letra

Natal é a eterna fonte de inspiração dos profetas, dos poetas e dos cantadores. Há sempre algo de novo para proclamar, poetar e cantar no inesgotável mundo da "Noite feliz", do berço de palhas e principalmente do menino-Deus e seu compromisso com a humanidade.

Na introdução tema do texto, o compositor anuncia, tal como **profeta**, sua perspectiva da história emergindo da própria história. "Mais claro ainda fica o rumo que vamos seguir" é uma declaração anti-apocalíptica e uma convicção de que "o mundo ainda tem jeito". Lembremos que o profeta bíblico acreditava numa **trans-formação** do mundo a partir deste mesmo mundo.

Nas estrofes que se seguem, o **profeta** abre passagem para o **poeta** sonhador: a estrela da esperança rima como liberdade da criança; trabalho se torna sinônimo de festança; os famintos são saciados com os frutos da terra. A tônica é a alegria da vida. Neste espírito poético há o resgate do espírito da libertação presente no primeiro natal e ausente nos poemas que associaram o mensageiro com a ideologia dominante e se esqueceram da sua mensagem original: o projeto histórico do Reino de Deus. A poesia de natal se torna poética do Reino.

Por fim, a celebração do **cantador**. É um natal em tom latino-americano. O povo de boa vontade que canta sua nova história não é outro senão o povo marginalizado. "O cativo ficará apenas na memória" é o grito de vitória sobre as forças da morte. Implícito está a derrota dos imperialistas amantes do lucro e inimigos das gentes. Explícito está a razão deste canto de esperança: "Uma estrela caiu num curral". Natal não é festa para quem fez opção pelo poder. É festa de curral, pois é ali que nasce a estrela.

Para os que ainda crêem nesta estrela/criança vencendo a "guerra nas estrelas"; para os que, num mundo desumanizado e temível, podem celebrar a liturgia do curral; para todos os profetas, poetas e cantadores os sinais dos tempos se fazem presentes: vozes antes amedrontadas estão botando a boca no mundo para cantar a vida. Violões e tambores se multiplicam para fazer ecoar, pelos campos e cidades, o som da esperança. As nossas crianças continuam, sape-cas, abrindo, alegremente, o presente para o novo dia. Afinal, está no ar **uma outra canção de natal**.

Carlos Alberto

Referências bíblicas:

Mt 2, 9-10; Nm 24,17; Rm 5,2; Jo 14,6; Mt 18,4

da música

A *guarânia* é um gênero musical originário do Paraguai com forte presença na região Centro-Oeste do país, principalmente no Mato Grosso do Sul. Adotado largamente pela música sertaneja, esse gênero contudo sofreu e sofre muitas críticas por ser importado. O falecido compositor Alvarenga, da dupla Alvarenga e Ranchinho, em entrevista a Tárík de Souza, reclamava que "hoje em dia, o pessoal novo só quer fazer música influenciada pelas guarânias, copiando a música latina" (*Rostos e Gostos da Música Popular Brasileira*, Tárík de Souza e Elifas Andreato, LPM Editores, 1979). Juntam-se a ele outros compositores, tais como João Pacífico, que, embora façam *música sertaneja*, ainda se referenciam na *música caipira* (esta é, por sinal, a principal fonte de que se utiliza a música sertaneja, mas não a única).

De todo modo, a *guarânia* tem encontrado muitos adeptos no país, desde o caipira refinado (Renato Teixeira, Almir Sater, etc.) até os compositores pentecostais. Para a difusão do gênero em muito contribuiu o sucesso das músicas "Índia" e "O meu primeiro amor", interpretados na tradução em português pela dupla Cascatinha e Inhanha. Posteriormente essas músicas foram gravadas por Gal Costa e Maria Betânia, respectivamente.

Flávio Irala

depoimento

Numa noite qualquer, em meados de 1981, comecei a cantarolar um pedaço de melodia. Achando que dava para aproveitá-lo, decidi trabalhar nele naquela mesma noite. Como na época, eu era seminarista e morava nas dependências do Instituto Anglicano de Estudos Teológicos, em São Paulo, fui para uma sala vazia levando um violão, alguns livros de poesia e teologia e, sobretudo, dois dicionários: um de rima e outro, de definição. Eu pensava em escrever sobre o Natal e o primeiro verso que surgiu foi "*uma estrela vai se acender pra que a esperança não morra e faça nascer de novo a criança*", cuja imagem eu tomei emprestada de um poema de Thiago de Mello (... *Quero é acender uma estrela para entreter a esperança* do Joel, um companheiro que está preso pelo gosto de pensar e de dizer...). Depois, foi só acrescentar outros versos e, quando já amanhecia, a música estava pronta. Recentemente, para evitar a linguagem sexista, coloquei a expressão "povo de boa vontade" em lugar de "homens de boa vontade", como estava no original. muito embora esta última seja uma expressão bíblica.

Flávio Irala